

André Feitosa<sup>7</sup> **Perturbar antes de reconciliar o campo: Um  
"chacha" de Sousa com "Mami Tchamba"  
(Vó Escrava) em Coimbra**





### **CENA 0**

No distrito remoto (isolado) de um município abandonado, diziam seus mais antigos (e até os técnicos comunitários de saúde) que o diabo arrastava-se pelas noites, possuindo, infiltrando-se no corpo de alguns moradores. Como ação para atravessar o pedregulho seco e compactado (região do semiárido), como Hefestos e Oguns, foi preciso reunir um grupo de homens para riscar de fogo, enfrentar essa pedra dura do tempo, com picaretas, enxadas, foices e outras ferramentas, até encontrar outra terra ainda quente, possível de molhar e acolher vida: uma muda transmutada de ancestralidade, plantada com encantamentos e sonhos das crianças locais. Concluída essa atividade, incumbimos um morador próximo, um parente com o mesmo sobrenome de família que o meu, a zelar e regar pela obra-viva (planta) oferecida – a planta até fincou (vingou), ele morreu e mudou para dentro da planta. Era abril de 2012, estava na região do Grande Sertão do Quixeramobim, chão dos antepassados, avós dos avós paternos da minha avó materna. Estava cavando e regando essa ancestralidade: plantando as raízes invertidas de um Baobá.

## CENA 1

Minha jornada tratava de uma relação visual com a ancestralidade cabocla da minha avó, segundo as pistas geográficas do seu nascimento nordestino, nos arredores construídos pelas aldeias no século XIX brasileiro, segundo o lastro político das fazendas de café. Não sendo proprietária de terra, embora filha ilegítima de um senhor com sobrenome tradicional, não apenas minha avó materna desconhecida suas origens remotas da violência colonial-escravagista, como jamais foi inscrita no sistema familiar dos seus avós e bisavós paternos. Miserável, cresceu aos olhos das três madrinhas brancas que lhe contemplaram o favor da sobrevivência, também arrancada das narrativas familiares possíveis, junto ao sítio pobre dos avós Sebastião e Ana. “Há um antepassado seu que está querendo fazer algo com você através dos estudos”, disse Seu Yutaka, o famoso cartomante oriental, residente na parede lateral do Cemitério São João Batista de Fortaleza.







## CENA 2

Chamei o Sacerdote de Umbanda para conhecer minha Avó Preta da Serra. A notícia foi avisada com antecedência, na casa de imagens católicas, para uma avó de baixíssima instrução formal, costureira, por exemplo, que nunca se imaginou Preta. Veio apoiada no braço da minha Madrinha, devagar sentou a frente de um homem Preto, com Guias de Pretos Velhos e turbante branco. Abraçaram-se lentamente. Foi bonito. Eu chorei. Suas mãos já observaram um tipo rosário no pescoço dele, já o tocava quase íntima, pelo ressecamento avançado dos noventa e cinco. Sorrindo, ele perguntou se consentiria rezar junto com ela. Fecharam os olhos. Em silêncio, janeiro de 2018, deram-se as mãos. Não foi a primeira vez que os ossos reconheceram o caminho onde também adormeceram os mortos daquela linhagem, mas naquela vida era o primeiro encontro. O Preto Velho compartilhou que, há muito tempo, naturalmente com outras feições, já haviam se visitado quando ela protegia um clã. Em Coimbra, uma “escrava” à venda, peso de ouro.



**Pé de Mar**

Patrocinado · 🌐

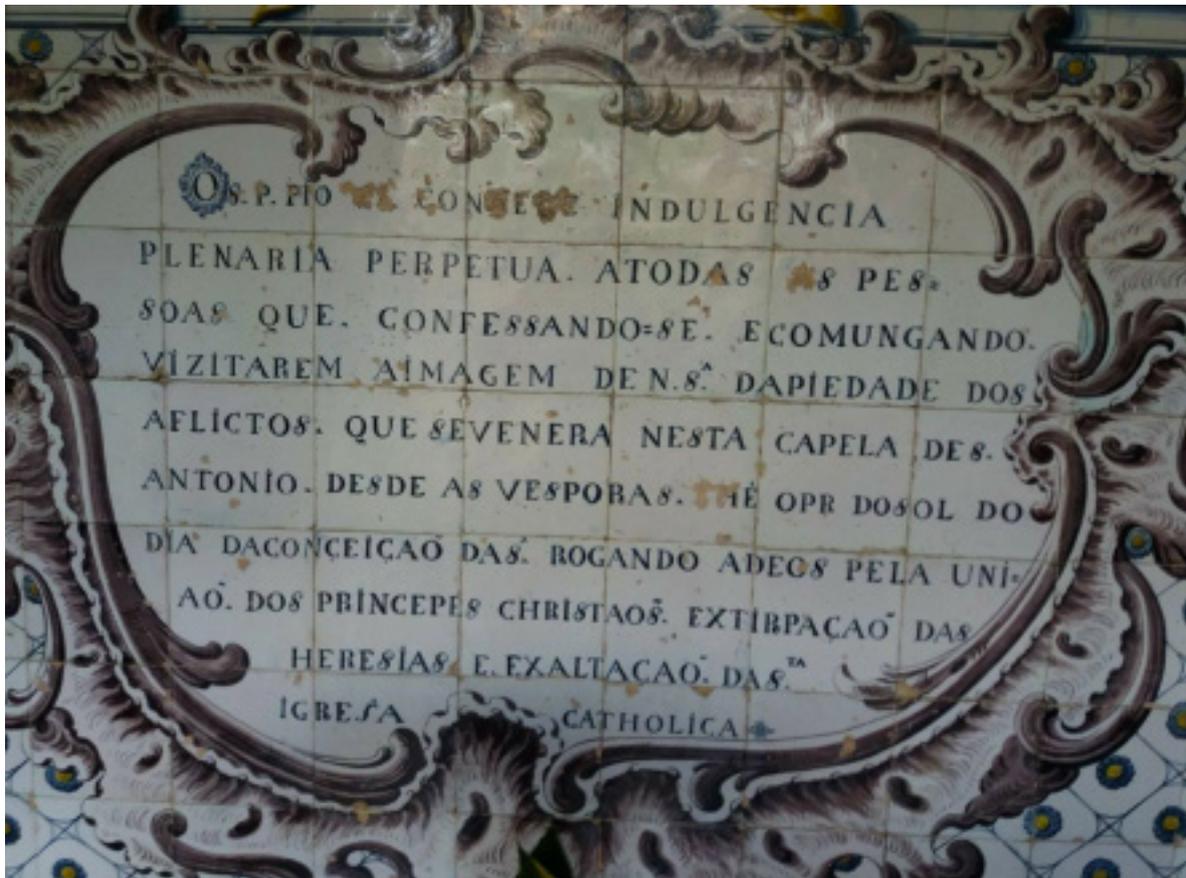


A Q U A Collection

Escrava AQUA  
Prata 925 Dourada 8mc  
Ref.ª 33E1MAR23

[www.pedemar.com](http://www.pedemar.com)





### CENA 3

Incorporada, do banco onde realizava suas oferendas, a Preta-Velha sentiu uma irradiação forte que a curvou para trás. Soltou os utensílios. “O filho sabe que há gente que não quer esse trabalho, certo?”. As suas velas quiseram-se apagadas. Batemos o pé direito, firmando. “Já que o filho está realizando um trabalho com seus ancestrais, me permita, filho, dizer o nome de um homem que você nunca poderá esquecer, foi um antepassado seu, um homem terrível, muito, muito cruel, e você nunca poderá imaginar o quanto de mal esse homem causou: Janeco”.





#### CENA 4

Há três dias sonhei com ela. Já não falava, quieta em casa, mas apareceu aqui, para soprar umas frases concentradas. Ajudei-a nos passos até o banheiro. Era noite. Ela perguntava sobre mim, apesar de olhar-me, corpo na sua frente, braço no seu braço. Falava em terceira pessoa, como quem desconhecia meu nome, que já era o caso, ou como quem, talvez, não visse a mim para seu lado: "mas cadê ele, aquele outro que me ajuda?". Voltou, então, para sua cama, e dormiu. Em Coimbra, a árvore que batizei de Maria foi arrancada. Parecia 6h50, quando um pássaro trincou-se. Na janela, a segunda batida. Levantei-me com a penumbra, manhã inconclusa. Janela de madeira, depois o vidro até a chuva: permanecendo lá, o animal branco que me aguardava, imóvel e frio era o seu olhar. O que pedi foi uma oportunidade de ser avisado e que ela não estivesse sozinha quando voasse. Agora que atualizou o caminho, chegou-lhe a visita da boa morte. Fui para a árvore, começou em maio de 2018 e durou 70 dias contínuos de oferendas. Culto dos mortos e não-mortos, do lugar e das linhagens.





## CENA 5

Em Portugal, já suspeitava minha dinâmica de reparação: trazer os antepassados da minha mãe, de um lado, do meu avô, os tradicionais colonizadores da terra, nós mesmos, assassinos de índios e negros por trezentos anos, segundo uma tentativa de prestação de contas, no território do antigo Império, daquela Primeira e Capital nunca revogada (se os documentos ainda informam que estamos pactuados, quem não se diria vinculado, comprometido?). Imaginei, por exemplo, também com os antepassados da minha mãe, do outro lado, da minha avó, convocar uma dança ancestral do Orixá sistematicamente perseguido, ameaçado no terror do genocídio, para sua inscrição de sobrevivência: aqui, no cavalo de um estudante, sobre o chão do invasor, durante uma atividade de doutoramento, dentro da Universidade, em um rito iniciático.





## CENA 6

Feira do 23, em Coimbra. "Defensoires". A "Fisioterapeuta" que atende na sua Mesa Radiônica. Nada foi suficiente para obstar um Vice-Reitor, dito Professor de Arte, que expulsou o trabalho do jardim, censurando o projeto. Ano de Mudanças Eleitorais, entretanto. No terreiro, diziam que o Professor tem seus medos a serem guardados, dentre os quais, os mortos raivosos que lhe acompanham.





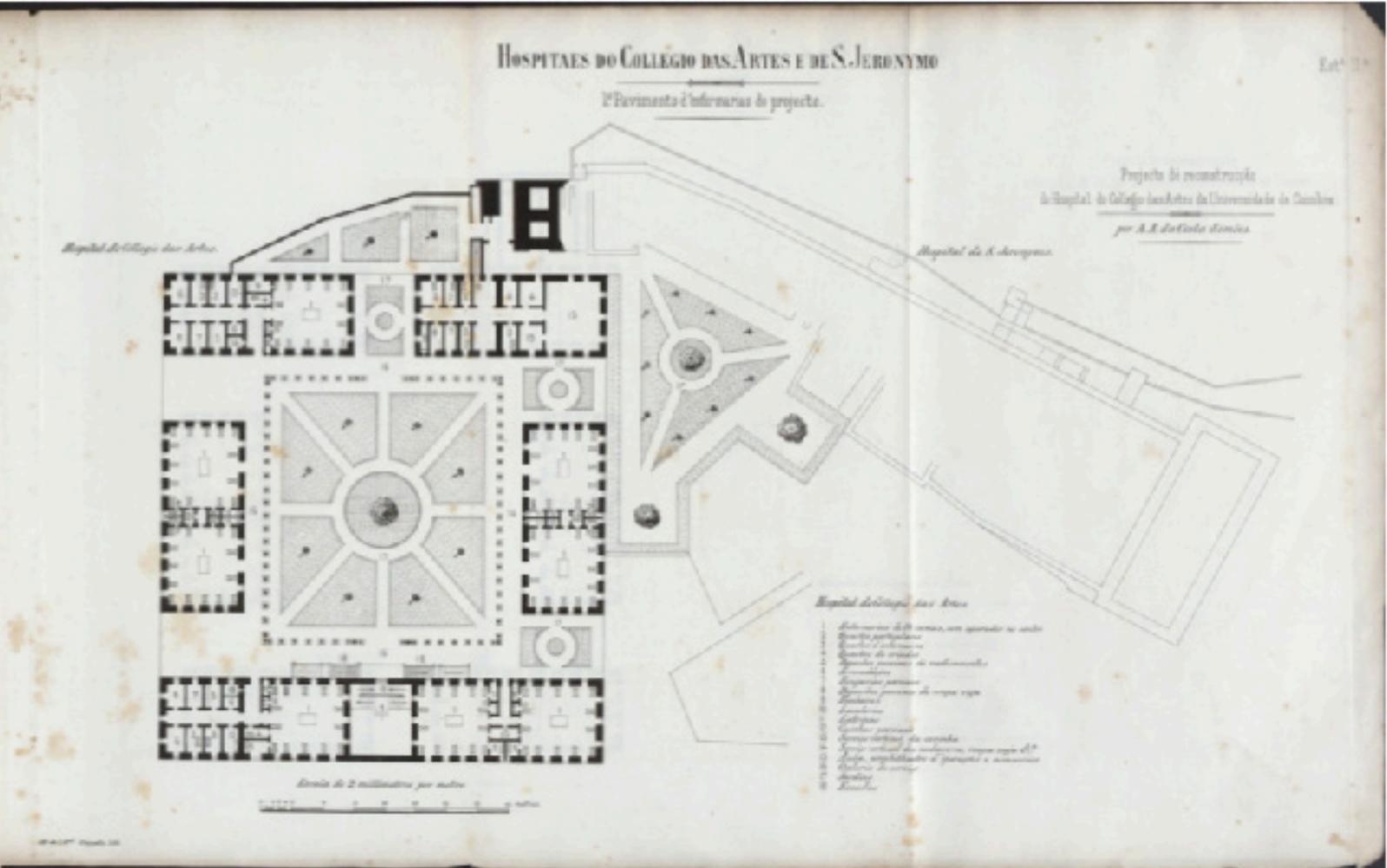
## CENA 7

“Você está ligado ao tormento desses homens e mulheres, aos milhares, estão presos, ainda passam fome, sentem medo e não atravessaram. Você está nesse barco, com eles todos. Precisam descansar e você preparar-se.” Falou-me um Preto-Velho incorporado. “Nove sacas de comida, encontre os mais necessitados da comunidade, reze que possam aceitar suas oferendas – mas não será fácil como alguém imagina.” Falou-me outro Preto-Velho.



### **CENA 8**

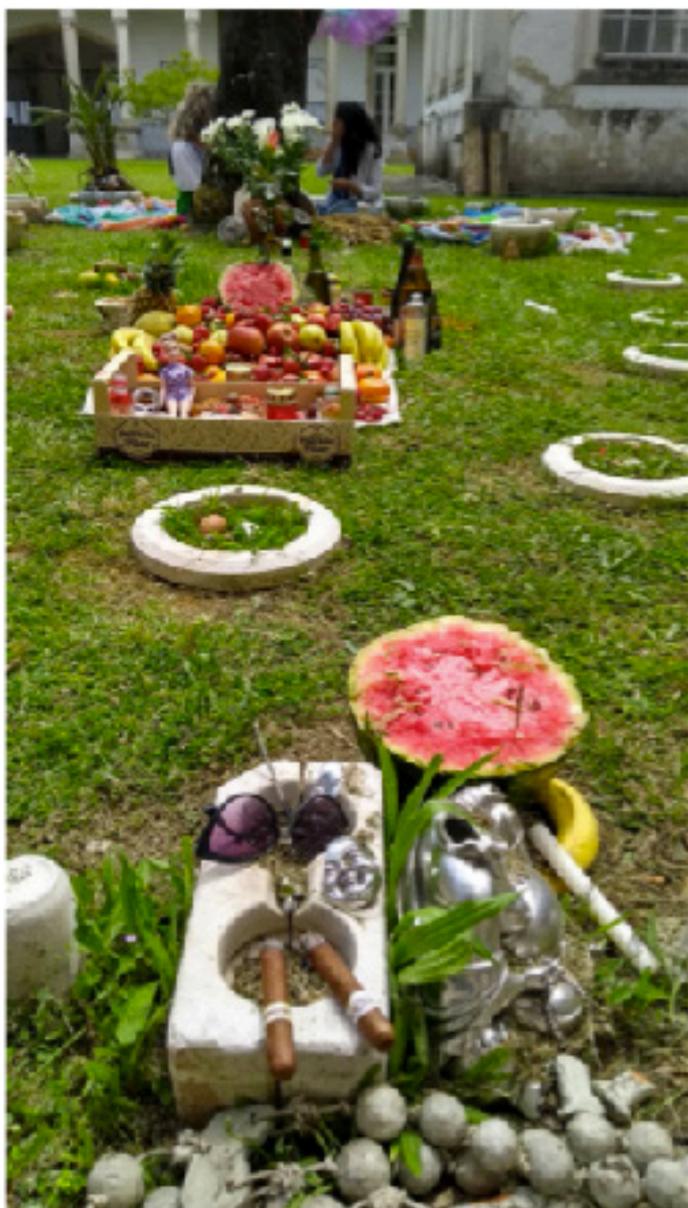
“É para libertar, então? Esses daqui, sem olhar para trás, na encruzilhada. Aqueles dali, na árvore de um campo aberto. Outros, deixe perto do mar. Isso, no caminho vazio. Essas fotografias, então, você segue em linha reta, a pé, em um corredor onde você procura trinta árvores. Em cada uma, você deixa uma dessas imagens, com oferenda de pipoca e de perfume, e siga, e siga.” Falou-me outro Preto-Velho.



## CENA 9

O Médium de Coimbra, sobre as Travas e Alarmes da cidade. A exposição de rua. A iminência do Cortejo posterior. Fase instalativa posterior, abril de 2019, novamente 70 dias: daria o meu doutorado inteiro por outra vida com o Dorje, meu cachorro. Hoje de manhã, ele morreu. Era 27 de março, 4h30. Cultuar na árvore.





## CENA 10

“Você tem antepassados e guias espirituais. Seu ancestral predominante é um caboclo, mas você tem índios brasileiros, de ambos os lados. Carrega também uma influência de Odé-Oxossi. Suas entidades afirmam que vieram de família, sim. Mas, espera... (estou arrepiado)... Espera... Essa Preta diz que é sua antepassada, mas não é de sangue, diz que trabalhou na casa da sua família: ela usa vestido branco, era 1830. É uma negra grande, forte, nos seus quarenta. Diz que pode chamá-la de Beatriz, Avó Beatriz. Você descende de proprietários de escravos dos dois lados. Você também descende de senhores e escravas. Mas não é o caso dela, que serviu aos ancestrais que você carrega: os dois trabalhando espiritualmente juntos, os espíritos de escravos incorporando nos descendentes dos proprietários de escravos. É um tipo de reparação no campo, enquanto serviço e obrigação dos brancos de um lado, também de cura e reconciliação do outro.” Falou-me o médium.



## CENA 11

“São aqueles que você tem ou não tem com você, isso é sua família e não foi você quem escolheu: Malandro Zé (Navalha?) / Cigano Alessandro (Acordeão/Fogo/Álcool) / Boiadeiro Português-Mestiço (de pé, adornos cruzados no peito) / Sereia de Pele-Escura e Cabelos Dourados / Exu Capa Preto / Preto-Velho Pai Joaquim / Influência Odé-Oxossi / Ancestral Caboclo (corpo de pintura vermelha, com marcas em branco-preto) / Índio Amazônico / Avó Mulher Loira Ibérica, nos seus 30 e poucos anos (“Bohemian dress”). Você tem alguma sorte que esses seus ancestrais queiram dizer qualquer coisa para quem vem dessa linhagem tão cruel, se fosse eu, jamais falaria, jamais me dirigia a um chamado seu, mas há esse vínculo cármico, deles que foram escravizados por vocês e, agora, vocês incorporam e servem a eles. Dois pratos, então, utensílios semelhantes, comida e quantidade semelhantes, posição semelhantes: para seus ancestrais e os escravizados pelos seus ancestrais.” Falou-me o médium.





## CENA 12

Um pássaro aguardava-me no caminho para o “toco” (tronco, árvore) de Oxossi. Voou com o barulho das sacolas, presumo. Adentrei o círculo. Veio e pousou nas minhas costas, ficou enquanto limpava as tigelas. Levantei-me devagar, para organizar as folhas e frutos murchos, as eventuais sobras de ceras das velas, a posição molhada das saias da árvore. OKÊ ARÔ ODÉ KOKÊ MAIÓ! AROLÊ! O passarinho, presumo filhote, escalou devagarzinho até meu ombro. Ficou um tempo. Aninhou-se entre os cabelos. A Senhora dos Pássaros da Noite até me dizem coisas, nos oráculos dos Babalorixás. No tempo certo, foi embora: o pássaro, mas nunca as Senhoras.

Ver mais em: <https://cargocollective.com/esfinge>